



## A RELIGIOSIDADE DO POETA MALDITO: ASPECTOS BÍBLICOS E DOCTRINÁRIOS NA LÍRICA CAMONIANA

Welton Pereira e Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** A poética de Camões é marcada por uma profunda religiosidade, seja ela de origem pagã ou cristã, podemos encontrar até mesmo marcas pagãs e cristãs em um mesmo texto, como encontramos a todo instante nos cantos d'*Os Lusíadas*. Este trabalho tem por finalidade analisar e discutir acerca de características fundamentalmente cristãs explicitadas em alguns pontos da lírica de Camões, dessa forma, esperamos entender um pouco mais a maneira como o poeta fazia referência ao catolicismo e às Sagradas Escrituras numa época em que a filosofia e a arte tentavam se voltar para o paganismo clássico e o antropocentrismo, deixando de lado o teocentrismo e toda a religiosidade tão difundidos pela Igreja àquela altura.

**Palavras chave:** Religiosidade; Classicismo; lírica camoniana.

**Résumé:** La poétique de Camões est marquée par une religiosité profonde, qui peut être chrétienne ou d'origine païenne, on peut même trouver des marques païennes et chrétiennes dans le même texte comme nous pouvons trouver à chaque instant dans les coins de *Os Lusíadas*. Cette étude vise à analyser et discuter des caractéristiques fondamentalement chrétiennes explicitées dans certains points du lyrisme camonien, alors nous espérons comprendre mieux comment le poète faisait allusion au catholicisme et à l'Écriture dans un moment où la philosophie et l'art ont essayé de revenir au paganisme classique et l'anthropocentrisme, en laissant de côté le théocentrisme et toute la religiosité si répandue par l'Église à cette époque.

**Mots-clés:** Religiosité; Classicisme; lyrisme camonien.

### Introdução

Tido como um poeta maldito por traduzir em sua poética todos os infortúnios passados em sua vida, Luís Vaz de Camões soube também representar em sua criação literária seu profundo conhecimento religioso e, sobretudo, seu apego às suas crenças. Dessa forma, partindo da análise de alguns poemas que trazem explicitamente algumas questões e referências religiosas, pretende-se, neste texto, discorrer acerca da profunda influência religiosa sofrida pelo autor em uma época na qual a Igreja passava por sérios problemas. Analisamos esses poemas tomando por base

---

<sup>1</sup>Aluno de graduação em Letras: Português/Literatura pela Universidade Federal de Viçosa - MG, atualmente em regime de mobilidade acadêmica na Universidade de Coimbra – PT – pelo Programa de Licenciaturas Internacionais da Capes (PLI), onde cursa Português.



o que já fora dito por outros pesquisadores e contribuímos para a análise de temas religiosos na lírica camoniana ao estudarmos a intertextualidade que o cantor brasileiro Renato Russo faz entre o poema *Amor é um fogo que arde sem se ver* e a Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios na música *Monte Castelo*, de sua autoria.

## 1. Contexto histórico e cultural

Conhecido como o Poeta Maldito devido a todos os infortúnios que lhe aconteceram em vida os quais ele transcreveu para sua lírica, Luís Vaz de Camões viveu numa época agitada no que diz respeito às crenças religiosas e ideologias teológicas. O século XVI foi o berço do Renascimento, o momento em que a Europa se distanciava de uma época regida pelo império do catolicismo de Roma, e os pensadores em geral viravam suas costas para o teocentrismo, aderindo cada vez mais ao antropocentrismo, o homem como o centro do universo. Desse modo, as ideologias científicas, artísticas e filosóficas voltaram seu olhar para uma época distante do poderio da Igreja e desejavam voltar para uma “era da razão” na qual, segundo eles, viviam os homens na antiguidade clássica. Essas idéias deram origem ao movimento chamado Classicismo. Graças a esse movimento, as artes em geral, incluindo a literatura, foram inundadas de imagens e personagens que remetiam ao clássico, às idéias gregas e romanas, e dessa forma, as imagens de heróis e deuses da mitologia greco-romana vieram novamente à tona.

Ora, a Europa estava já há muito tempo sob a influência do catolicismo, e como não poderia deixar de ser, Portugal era um país cristão desde sua origem. Não podemos nos esquecer que desde a batalha de Ourique a religiosidade está intrinsecamente ligada à formação e consolidação do território português e da nação portuguesa. Desde o aparecimento da imagem de Jesus crucificado que levou Dom Henrique à vitória, o catolicismo é altamente influente no imaginário do povo português. Desse modo, Camões, como um típico português, não poderia deixar de lado sua formação cristã, mesmo que o bom gosto estético fizesse com que, eventualmente, ele tivesse que invocar alguma musa ou citar algum deus pagão, “Camões seguiu com rigor as características renascentistas, mas em momento algum abandonou suas convicções morais, éticas e cristãs, imprimindo em sua obra as marcas de sua religiosidade.” (MIGUEIS, 2009, p. 03)



Não podemos nos esquecer, também, de que o século XVI foi o palco de inúmeras modificações no contexto religioso europeu, como o Luterismo iniciado na Alemanha que desencadeou a Reforma Protestante e a resposta do Vaticano, a Contra-reforma, junte-se a isso a revolta do povo cristão diante da separação, na Inglaterra, da Igreja Anglicana e poderemos ter uma idéia dos sentimentos preservadores da fé católica que se apoderou do povo cristão nesse século. Camões também se sentiu incomodado por essas revoltas contra a Santa Igreja, e como afirma MIGUEIS:

Na estância 4 do Canto VII, o poeta exalta a fidelidade à santa Igreja na pessoa do sucessor de Pedro, o Papa, em oposição à infidelidade dos alemães, que por ocasião da Reforma Protestante se rebelaram contra o Papa e elegeram um novo chefe, Lutero:

Vede'los alemães, soberbo gado, / Que por tão largos campos se apascenta;  
/Do sucessor de Pedro rebelado, / Novo pastor e nova seita inventa / Vede'lo  
em feas guerras ocupado, / Que inda co cego error se não contenta, / Não  
contra o superbíssimo otomano / Mas por sair do jugo soberano.  
(MIGUEIS, 2009, p. 11,12)

Ainda segundo a autora, no canto VII na estância 5 d'*Os Lusíadas*, Camões também se refere à fundação da Igreja anglicana por Henrique VIII da Inglaterra:

Vede'lo duro inglês, que se nomea / Rei da velha e santíssima cidade, / Que o  
torpe ismaelita senhorea / (Quem viu honra tão longe da verdade?) / Entre as  
boreais neves se recrea, / Nova maneira faz de cristandade: / Para os de  
Cristo tem a espada nua, / Não por tomar a terra que era sua.  
(MIGUEIS, 2009, p. 12)

Assim sendo, mesmo não se declarando cristão convicto como afirmam alguns estudiosos, Camões conseguiu representar suas ideologias cristãs em sua obra fortemente marcada por aspectos doutrinários e bíblicos, o que sugere que o poeta tinha uma sólida formação católica e um profundo conhecimento das Sagradas Escrituras.

## 2. Referências cristãs na lírica de Camões

Camões soube representar elementos cristãos e pagãos com tamanha maestria que conseguiu fazer inclusive com que sua maior obra, *Os Lusíadas*, passasse pela aprovação do Tribunal do Santo Ofício e fosse publicada. No entanto, não é



somente nos cantos épicos da obra acima citada que o poeta representou suas crenças e ideologias cristãs. A obra *Sóbolos Rios*, por exemplo, foi estudada por diversos autores que se interessaram pela intertextualidade tão fiel e ao mesmo tempo tão inovadora que podemos encontrar entre esses versos e o Salmo 135 (136).

Nestes versos, Camões se iguala ao povo Hebreu que, exilado na Babilônia, chora de saudades de Sião. Quando Camões escreveu essa obra, ele estava também exilado no Oriente, daí a comparação que diversos estudiosos fizeram posteriormente entre Babilônia e Oriente e Sião e Portugal. Observe o que nos diz RODRIGUES:

Verifica-se uma sintonização entre os sentimentos do poeta hebreu e os do poeta português. Ambos choram e lamentam uma situação determinada e anseiam por um futuro novo, pleno de felicidade e de paz. Camões soube interpretar o pensamento expresso no canto bíblico e dar-lhe uma aplicação pessoal de invulgar imaginação e riqueza poética. (RODRIGUES, 1985, p. 243)

Outro fator interessante a se ressaltar em relação a essa obra é a maneira como ela foi composta. Os trezentos e sessenta e cinco versos da obra são divididos em três partes segundo alguns estudiosos. Os primeiros cem versos trazem uma temática pessimista onde o poeta chora as amarguras da vida longe de “Sião”. Os versos que se encontram entre os cem primeiros e os cem últimos trazem consigo uma profunda temática reflexiva e um marcante combate moral, onde o poeta reflete que ele é o principal responsável pelo seu destino e já nos últimos cem versos, o discurso muda e o poeta passa a se representar mais positivista, formando assim o que Maria Vitalina Leal de Matos chamou de “um sistema dual de isotopias” dizendo que

“esta série de antinomias manifesta o objecto fundamental do texto, que pretende efectivamente substituir um sistema de valores e uma visão da vida desesperante e absurda por outro sistema e outra visão da vida promissores de esperança e salvação”. (MATOS, 1987, p.56)

Os últimos versos, ainda segundo a autora, são ótimos representantes da tradição patrística, altamente influenciadora dos textos de Camões, por trazerem consigo a temática da salvação.

Além do poema *Sóbolos Rios*, diversos outros sonetos camonianos trazem em seus versos manifestações da religiosidade do poeta. No soneto *Verdade, Amor*,



*Razão, a tão Merecimento*, perfeito representante da influência petrarquista em Camões, o poeta nos diz no último verso o quanto é bom acreditarmos em Jesus Cristo:

Cousas há i que passam sem ser cridas  
E cousas cridas há sem ser passadas,  
Mas o melhor de tudo é crer em Cristo.

Ora, percebemos claramente que o poeta tem a intenção de mostrar aos seus leitores que a crença em Cristo é “o melhor de tudo”, denunciando, dessa forma, uma religiosidade inerente a ele.

Igualmente ao soneto acima referido, diversos outros trazem consigo expressões da religiosidade e da doutrina católica. Destes, um dos que mais salienta o conhecimento de Camões acerca das Sagradas Escrituras é o soneto *Sete anos de pastor Jacob servia*; no poema, Camões relata o sacrifício feito por Jacó na tentativa de conquistar Raquel, filha de Labão, a quem Jacó serve por sete anos a fim de merecer recebê-la como sua mulher, no entanto, o pai o engana e o entrega sua filha mais velha, Lia:

Sete anos de pastor Jacob servia  
Labão, [pai](#) de Raquel, serrana bela;  
mas não servia o pai, servia a ela,  
e a ela só por prémio pretendia.

Os dias, na [esperança](#) de um só dia,  
passava, contentando-se com vê-la;  
porém o pai, usando de cautela,  
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos  
lhe fora assi negada a sua pastora,  
como se não a tivera merecida,

Começa de servir outros sete anos,  
dizendo: Mais servira, se não fora  
pera tão longo [amor](#) tão curta a [vida](#)!

O soneto acima certamente teve como fonte de inspiração a passagem bíblica que narra a chegada de Jacó na casa de seu tio Labão e como ele se tornou marido das duas irmãs, pois Labão o enganou porque segundo os costumes daquela região, a filha mais velha deveria se casar primeiro, portanto, depois de terminada uma



semana de núpcias, Labão lhe entregaria também Raquel em troca de mais sete anos de serviço, os quais Jacó aceitou.

A respeito do soneto, FERREIRA nos diz que:

Pudemos perceber (...) que Camões é fiel a idéia do texto Bíblico, entretanto, ao transformar um texto narrativo em um soneto/poema lírico amoroso, ele suaviza a atitude de Labão, supervalorizando o amor de Jacob por Raquel. Nesse sentido, o poeta português reescreve o texto Bíblico e o transforma em arte literária, destituindo-o de valor religioso e moral, o que seria a intenção do texto bíblico. (FERREIRA, 2010, p. 06)

A autora nos mostra, então, que o amor de Jacó por Raquel foi mais valorizado no soneto do que o sentido moral pertencente aos textos bíblicos, no entanto, mesmo tendo por finalidade o ensinamento aos fiéis, o trecho de Gênesis que narra este episódio também não deixa de representar o imenso amor que Jacó sentiu por Raquel, transcrito no vigésimo versículo da referida passagem bíblica em que se diz que “Jacó serviu sete anos por Raquel, e estava tão apaixonado que os anos lhe pareceram dias” (Gn: 29, 20).

Mesmo não fazendo citações diretas às Sagradas Escrituras, o poema *O dia em que eu nasci, morra e pereça* faz uma intertextualidade com o Apocalipse de São João, ou ao menos com as idéias ali expressas, já que o soneto traz intrínseca uma mensagem apocalíptica, do fim dos tempos. No soneto, repleto de imagens amedrontadoras, o autor compara o dia de seu nascimento ao dia do Juízo Final:

Qual o sentido desta maldição? O que significa amaldiçoar o dia do nascimento? É o mesmo que maldizer-se a si próprio, e desejar (pela negação do dia em que apareceu) não ter nascido. Aliás, os dois últimos versos são claríssimos: “*que este dia deitou ao mundo a vida / mais desgraçada que jamais se viu!*” (MATOS, 1987, p. 35)

Embora em uma análise mais superficial, o poema pareça não fazer nenhuma referência direta a algum trecho bíblico, a autora acima citada nos diz que o primeiro verso foi extraído do livro de Jó, mais especificamente do capítulo três, versículo primeiro, onde se lê: “Então Jó abriu a boca e amaldiçoou o dia do seu nascimento, dizendo: Morra o dia em que nasci e a noite em que se disse: Um menino foi concebido” (Jo: 3, 1). Nesse ponto notamos claramente que o sujeito do poema considera sua vida tão amaldiçoada quanto a de Jó, personagem bíblico que perdeu tudo



o que possuía por um teste feito por Deus e pelo Diabo para provar sua lealdade àquele. Aqui se reforça o título dado a Camões de Poeta Maldito, amaldiçoado.

Outro texto que traz consigo uma forte temática cristã é a elegia *Se quando contemplamos as secretas*, na qual o poeta revela seu profundo conhecimento das Escrituras e das tradições cristãs. Nos versos, Camões reflete filosoficamente acerca de toda a criação divina e até mesmo sobre o fato de Deus ter sempre existido. Um pouco mais a frente, o poeta nos fala sobre a vinda de Cristo ao mundo e como ele sofreu por toda a humanidade. Neste ponto, percebemos que o poeta faz quase uma transcrição poética da Via sacra, que é uma tradição da Igreja que acontece na Semana Santa, logo após a Quaresma, onde os fiéis relembram passo a passo toda a trajetória de Cristo até sua morte na cruz para redimir os pecados do mundo. Camões é tão fiel aos detalhes bíblicos que chega até mesmo a referir nos versos o momento em que Simão Cirineu ajuda Cristo na tarefa de carregar a cruz, chamada por Camões de “o troféu que as almas alcançaram”, fazendo referência à salvação dos homens através da morte de Cristo.

As indicações religiosas não terminam nas citações bíblicas; em certos pontos, Camões reflete acerca da grandiosidade divina e de sua condição de pecador, e os versos que trazem essa reflexão nos fazem lembrar do Ato de Contrição, rezado pelos fiéis na Santa Missa onde estes rogam a Deus o perdão por seus pecados: “Eu, Senhor, sou ladrão; tu, sumo Rei; / Eu, só, furtei; tu, com ladrões padeces; / A pena a ti se dá do que eu pequei”. E alguns versos atrás ele mesmo dizia que Deus se condenava a duras penas pelo mal pelo qual ele era culpado, e dessa forma, o sujeito da elegia se assume pecador, da mesma forma que os cristãos fazem no Ato de Contrição.

Além disso, podemos ainda perceber nos versos finais da elegia, que o próprio poeta, através do eu-lírico, se assume como um cristão:

As mais remotas gentes onde o lume  
Da nossa fé não chegam, nem que tenham  
Religião algũa se presume;  
Assi todos, enfim, Senhora, venham  
Confessar um só Deus crucificado,  
E por nenhum respeito se detenham.



Nos versos acima, notamos então que o poeta se inclui como praticante da fé católica no momento em que a considera também sua, e a considera ainda como um “lume”, ou seja, a fé como um luzeiro que orienta e ilumina, e o poeta ainda demonstra seu desejo de que todos possam “confessar um só Deus crucificado”.

### 3. Monte Castelo: Intertextualidade entre Camões e São Paulo

Legião Urbana foi uma banda de rock brasileira surgida em Brasília que conquistou um grande público desde a década de oitenta, quando se formou. Entre muitas outras características atribuídas à banda, as mais famosas certamente são o fato de o líder da banda e compositor da maioria das canções conseguir compor letras tão belas a ponto de serem consideradas poesia. Não faltou inclusive quem estudasse algumas canções da banda demonstrando nelas aspectos próprios da poesia ultraromântica, vigente na segunda fase do Romantismo. Dentre as canções que mais se destacam entre aqueles que se referem à engenhosidade de seu compositor está a música *Monte Castelo*, na qual o autor se utiliza de versos do soneto *Amor é um fogo que arde sem se ver*, de Luiz de Camões e utiliza-se também de algumas passagens da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, na qual o mártir fala sobre o amor. Abaixo transcrevemos a letra da música, que apesar de longa, se faz necessária sua colocação aqui para um melhor entendimento da análise:

#### Monte Castelo

Ainda que eu falasse  
A língua dos homens  
E falasse a língua dos anjos,  
Sem amor eu nada seria.

É só o amor! É só o amor  
Que conhece o que é verdade.  
O amor é bom, não quer o mal,  
Não sente inveja ou se envaidece.

O amor é o fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer.



Ainda que eu falasse  
A língua dos homens  
E falasse a língua dos anjos  
Sem amor eu nada seria.

É um não querer mais que bem querer;  
É solitário andar por entre a gente;  
É um não contentar-se de contente;  
É cuidar que se ganha em se perder.

É um estar-se preso por vontade;  
É servir a quem vence, o vencedor;  
É um ter com quem nos mata a lealdade.  
Tão contrário a si é o mesmo amor.

Estou acordado e todos dormem.  
Todos dormem. Todos dormem.  
Agora vejo em parte,  
Mas então veremos face a face.

É só o amor! É só o amor  
Que conhece o que é verdade.

Ainda que eu falasse  
A língua dos homens  
E falasse a língua dos anjos,  
Sem amor eu nada seria.

Fonte: <http://letras.terra.com.br/legiao-urbana/22490/>

Nas duas primeiras estrofes da música, o compositor se inspira na passagem da carta de São Paulo aos Coríntios discorrendo acerca da importância do amor e das virtudes próprias desse sentimento. Neste ponto, após transcrever as características do amor descritas por São Paulo, o autor da música continua caracterizando o amor, mas agora utilizando-se das características assinaladas por Camões, caracterizando o amor, que antes era um conjunto de muitas outras virtudes, como algo dual, repleto de paradoxos, afinal, como já dissera antes Camões e como repete Renato Russo na canção, o amor é um fogo que arde e ninguém vê, é uma ferida que dói e ao mesmo tempo não podemos senti-la. Fato interessante a se ressaltar é que essa característica paradoxal herdada pelo soneto camoniano se reflete também no título da música e no que traz seu tema, pois a música canta o amor assim como fizeram Camões e São Paulo, no entanto, Monte Castello é um local situado no norte da Itália onde as tropas



brasileiras tiveram sua participação mais marcante na Segunda Guerra Mundial. Ou seja, um poema que traz explícita a mensagem do amor, tem em seu título algo remetendo à guerra. Talvez o compositor quisesse, através do recurso da ironia, chamar a atenção do público sobre a dualidade do ser humano, que ao mesmo tempo em que tem o amor como uma virtude maior, não cessa de causar sofrimento ao seu semelhante.

A música transcorre da mesma forma como se inicia, algumas partes retiradas do Novo Testamento e outras do soneto camoniano; alguns versos, no entanto, são composições próprias do autor. Mesmo tendo que reescrever algumas partes mudando algumas palavras para que se adequassem melhor à canção, percebemos que o compositor foi muito fiel aos dois textos originais. Quanto ao soneto camoniano, apenas a última estrofe não foi utilizada, já da carta de São Paulo, por motivos óbvios, foram aproveitadas apenas algumas partes, mais expressivas.

O mais interessante a se ressaltar sobre essa canção é a maneira como o compositor conseguiu encaixar de forma bem interessante partes de textos tão distintos em apenas um texto, mostrando assim que, mesmo sendo compostos por finalidades diferentes, os dois textos, e agora também a letra da música, servem para um fim em comum: descrever o amor e sua importância na vida do homem e que mesmo sendo tão complexo e tão contrário a si mesmo, ele é tão essencial que sem ele, nada seríamos.

### **Considerações finais:**

Através da leitura de alguns poemas camonianos e de apontamentos de diversos estudiosos da obra do poeta, pudemos perceber que mesmo vivendo numa época na qual a Europa começava um processo de refutação da doutrina católica, Camões soube manter sua posição como homem religioso e transcreveu sua fé em diversos momentos de sua obra, até mesmo se incluindo como praticante da fé cristã. Além disso, pudemos perceber que um poema que, a priori, parecia não trazer nenhuma mensagem bíblica ou religiosa pôde ser utilizado em conjunto com um trecho bíblico para formar um novo texto: a música *Monte Castelo* da banda brasileira Legião Urbana e, dessa forma, percebemos que a religiosidade está tão fortemente marcada na lírica camoniana que torna possível, inclusive, a junção de um poema camoniano com algum texto bíblico, não apenas um citando o outro, mas os dois formando um novo texto.



## Referências Bibliográficas:

Site *Letras.terra*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/legiao-urbana/22490/>. Acesso em: 12/12/2010.

FERREIRA, Maria Aparecida da Costa Gonçalves. *Camões e a bíblia: intertextualidade na literatura portuguesa*. In Darandina, revista eletrônica, UFJF. Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/Maria-Aparecida-da-Costa-Gon%C3%A7alves-Ferreira.pdf>.

MATOS, Maria Vitalina Leal de. *Auto-retrato de Camões: o soneto “o dia em que eu nasci...”*. In. *Ler e escrever: ensaios*. Imprensa Nacional / Casa da Moeda. 1987.

MATOS, Maria Vitalina Leal de. *Sôbolos Rios: uma estética arquitetônica*. In. *Ler e escrever: ensaios*. Imprensa Nacional / Casa da Moeda. 1987.

MIGUEIS, Micheli Maria. *A Religiosidade Camoniana em pleno Renascimento*. In Vernáculo, Universidade Católica de Petrópolis. 2009.

RODRIGUES, Manuel Augusto. *As redondilhas “sôbolos rios” e a tradição patrística..* Separata da Revista da Universidade de Coimbra. Vol. XXXIII. Coimbra, 1985

I Carta de São Paulo aos Coríntios: 13, 1-13. Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. Editora Paulus. São Paulo, 1990.

Gênesis: 29, 1-30. Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. Editora Paulus. São Paulo, 1990.

Jó: 3, 1. Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. Editora Paulus. São Paulo, 1990.